

# CRECHE: SOLUÇÃO OU PROBLEMA?

*Marisa C. Lobo da Costa*

Do Departamento de Pediatria  
da Faculdade de Medicina  
da Universidade de São Paulo.

A transformação mais radical da sociedade humana a partir da revolução industrial, talvez não tenha sido de ordem econômica e política, como é comum pensar; talvez tenha sido de ordem psicológica e se traduza pela forma coletiva de criação dos filhos — a creche.

Apenas nas sociedades industriais urbanas é que o cuidado da prole deixou de ser preocupação individual de seus genitores (ou grupal da família ou do clã) para passar a ser encargo coletivo da sociedade organizada ou mesmo do Estado. A transição da forma tradicional, isto é, familiar, de criar e educar uma criança para a forma moderna e inovadora que é a creche, é, entre nós, de aparecimento tão recente (cerca de dez anos, sendo a aceitação popular generalizada e a expansão da rede de creches um fenômeno de pouco mais de cinco anos, e mesmo assim apenas nas regiões sudeste e sul do Brasil) que a literatura especializada (médica, psicológica, pedagógica, sociológica) quase nada nos tem a oferecer sobre o tema. Nas reivindicações populares atuais (luta por creches, por saneamento, por legalização de loteamentos, por urbanização de favelas etc.) a luta por creches tem mais a conotação de estratégia de sobrevivência e conquista de direitos (há a lei trabalhista, velha de 40 anos e jamais cumprida . . .) do que propriamente a opção consciente por uma fórmula nova e diferente do processo de educação das crianças. Paradoxalmente, mesmo nos países desenvolvidos do hemisfério norte, onde o fenômeno creche é já mais antigo e generalizado, abrangendo não apenas os filhos da população trabalhadora, mas também os das classes médias e mesmo superiores, constituindo uma verdadeira opção educacional parale-

la à emancipação feminina, pouco encontramos na literatura, tanto no sentido da análise institucional quanto no sentido de avaliação do processo e do produto, isto é, o desempenho das creches e o perfil das crianças (dos escolares, dos adolescentes, dos adultos) que nelas se educaram.

No entanto, é lícito formular um questionamento amplo e diversificado, a partir dos conhecimentos e conceitos já tradicionalmente incorporados à nossa cultura ocidental. Afinal, a criança que passa na creche todo o período diurno de vigília dos seus 3 ou 4 primeiros anos de vida, quase que exclusivamente à creche deverá a formação de sua personalidade. Podemos então indagar, por exemplo: — que tipo de vínculo mãe-filho se estabelece com a criança que passa grande parte de seu dia aos cuidados de uma (ou diversas, o que é pior) pessoa estranha e que até pode freqüentemente mudar, a curtos intervalos? (folgas, faltas, férias das pajens). A partir de que idade (dias? meses?) tal fato deixa de ter conseqüências para a formação emocional da criança? Que tipo de atitude se deve preconizar para a pajem, a fim de minimizar essas conseqüências? A perda do vínculo secundário (mãe-substituta) poderá ter conseqüências traumáticas de repercussão futura no equilíbrio emocional? Como conciliar essas preocupações com o fato (trabalhista e mercenário) de que as pajens são meras funcionárias, com vida pessoal e emocional desligada e distante das crianças de que cuidam, procurando progredir (mudar de emprego) ou mesmo melhorar de serviço? (o berçário de menores é sempre a unidade mais trabalhosa e sobrecarregada de uma creche).

Como entender o estabelecimento do Complexo de Édipo dentro do universo emocional, coletivo e partilhado da creche, com a atenção dos adultos sendo continuamente dirigida a todos e nunca a um só? Complica mais o problema o fato da creche ser um universo exclusivamente feminino? (as pajens, a professora, as serviciais etc.). E se a esse fato se acrescentar que grande número de crianças é filha de mãe solteira, não tendo em casa nenhuma figura masculina, e recebendo através da mãe a imagem negativa de um companheiro que a abandonou com o encargo de um filho para criar?

Como se fará a introjeção de papéis sociais no seio dessa coletividade de papéis tão restritos (pajem, cozinheira, administradora, professora)?

Ou será que os nossos conceitos tradicionais de psicologia e de psicanálise terão que ser revistos à luz da experiência vivida pelas crianças que desde os primeiros meses de vida são cuidadas e educadas em uma creche?

Por outro lado, não há dúvida de que o desenvolvimento neuro-psico-motor das crianças "crechadas" é normal, sendo apenas problemático o setor da linguagem, mesmo assim somente *quando e se* os adultos responsáveis não se preocupam em falar individualmente com as crianças, principalmente durante os momentos em que lhe prestam um cuidado pessoal (troca de fraldas, banho, alimentação). Essa constatação, já existente na literatura médica (DABAUVALLE, A. e outros, 1982) e sociológica (SULLEROT, E. e SALTIEL, M., 1974), é também constatação de minha experiência profissional na supervisão do estágio de médicos residentes de Pediatria em creches, desde 1974.

Quanto aos problemas de saúde física, não há dúvida de que o ambiente coletivo e promíscuo da creche oferece maiores riscos de contaminação, especialmente se regras estritas de higiene não forem escrupulosamente seguidas. Também aspectos do prédio (insolação, ventilação, umidade) podem contribuir para a propiciação de afecções respiratórias. Assim, são comuns nas creches (mais que na população infantil em geral) os resfriados, as diarreias (infecciosas ou parasitárias), os problemas de pele (sarna, impetigo, micoses, piolho), as doenças infecto-contagiosas (escarlatina, catapora, hepatite etc.). Mas há também vantagens evidentes: diagnóstico precoce das patologias ainda com sinais frustrados (é mais fácil reconhecer uma doença nos seus primórdios quando há vários indivíduos afetados); a imunidade adquirida precoce às doenças comuns da infância — por terem mais cedo essas doenças — assim, ao chegarem à idade escolar já estarão livres dessas causas freqüentes de absenteísmo. Problemas gerais de carência (desnutrição, anemia, raquitismo, desvitaminoses) também são melhor prevenidos em ambiente coletivo, mediante controle racional da dieta e do cardápio adaptados à faixa etária de todas as crianças. Aliás, problemas alimentares de recusa ou intolância são muito raros nas creches, e quando ocorrem, quase sempre estão ligados a doenças orgânicas e não a motivos psico-emocionais, que são as causas mais freqüentes de anorexia ou de recusa seletiva de alimentos das crianças criadas em ambiente familiar.

Como as creches em geral controlam a saúde de seus usuários através de exames periódicos (exame de fezes, reação de Mantoux, exame médico, controle pon-

do-estatural) e exigem a apresentação atualizada da Caderneta de Vacinações, ousa afirmar que aqui em São Paulo, e para a população carente (favelas, cortiços) a saúde física da população crechada é melhor do que a de seus pares que ficam em família, dentro da mesma classe social e ambientação urbana. Essa constatação é fruto de observação informal e não publicada (apenas pessoalmente, como Pediatria, tenho estabelecido a comparação sistemática entre as crianças que vejo nas creches e acompanho através da supervisão do trabalho dos residentes e as que atendo em Centro de Saúde, procedentes das mesmas favelas). Mas essa constatação está em contradição com o que se encontra na literatura (SAUREL-CUBIZOLES, M. e outros, 1982). É bem verdade que a literatura citada, onde a população das creches foi encontrada como menos saudável e menor que a população familiar pareada é uma população parisiense, de classe média, e vivendo em condições absolutamente diferentes das condições de vida existentes nas nossas favelas . . .

A socialização extra-familiar obrigatória e precoce da creche acarreta o desenvolvimento rápido do senso de participação e colaboração, com o trabalho, ou melhor, o brincar em grupo sendo espontaneamente procurado muito antes do que nos "textos clássicos" se admite ou se supõe que a criança esteja apta a sair do próprio egoísmo e a descobrir e aceitar "o outro". Essa seria uma constatação auspiciosa? Em contrapartida, porém, como desenvolver o senso de propriedade (e de respeito pela propriedade alheia) num ambiente coletivo, em que tudo é de todos, não sendo nada de ninguém como propriedade exclusiva? Será que esse tipo de formação de conceitos e introjeção de valores tornará as crianças das creches aptas a enfrentarem uma sociedade capitalista competitiva como a nossa?

Abordando outras questões por outro ângulo: a preservação da saúde e da integridade física das crianças exige da creche uma ambientação física (prédio, jardim, quintal) e um equipamento (móveis, roupa, utensílios, brinquedos) que muitas vezes contrastam em qualidade e fartura com o que a criança encontra em seu próprio lar. O mesmo se diga quanto a quantidade e qualidade da comida, a disponibilidade de comodidades (banheiros, adequação de ambientes etc.) e mesmo até o tipo de linguagem empregada, os hábitos e costumes transmitidos pelo pessoal da creche. Ora, será que esses fatos não irão complicar (ou distorcer) a formação de uma consciência de classe nas crianças? Ou não lhes introjetarão aspirações e metas incompatíveis — a permanecerem as atuais condições sociais — com a sua origem e oportunidades futuras?

Por fim, e apenas a título de instigação intelectual aos companheiros melhor equipados para pesquisas educacionais: será que a forma de disciplina (aliás necessária para a manutenção da ordem no ambiente coletivo) que não admite contestação, e que é comum às creches (apenas variam os métodos e o rigor disciplinares), oferece um clima próprio para o desenvolvimento do senso de liberdade? Como será a afirmação de personalidade das crianças tímidas? Como se fará a afirmação de lideranças? Será que as características intrínsecas da personalidade podem permanecer "quiescentes" aguardando oportunidade de manifestação em ambiente

mais propício? Terá a criatividade individual formas de manifestação no ambiente coletivo em que o cotidiano é padronizado e não há estimulação individual específica para o desenvolvimento de "talentos" especiais? Ou será que as creches, como fruto da revolução industrial, serão exatamente as instituições massificadoras e niveladoras de uma humanidade "de formigas", respondendo à necessidade dessa forma moderna de civilização? Nos países socialistas em que a educação coletiva é prerrogativa do Estado parece que a resposta é realmente *sim*.

Estaremos nós, que lutamos por creches, reconhecendo apenas os seus valores positivos e descurando dos negativos? Ou será que cabe aos intelectuais buscar respostas, através da análise das experiências de creche já existentes em nosso meio, a fim de desmistificar conceitos tradicionais e calçados em uma "morale de classe" como diria Boltanski (1977), e clarificar as sombras atemorizantes que tais conceitos lançam sobre a creche?

Afinal para o progresso do nosso povo e o aperfeiçoamento da nossa sociedade, a creche é solução ou problema?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLTANSKI, L. *Prime éducation et morale de classe*. 2ª ed. Paris, Mouton, 1977.
- DABAUVALLE, A. e outros. Pathologie en crèche et qualité de l'ambiance atmosphérique. *Archives Françaises de Pédiatrie*, Paris, 39: 335-8, 1982.
- SAUREL-CUBIZZOLLES, M.J. e outros. Mode de garde, bilan de santé a 10 mois et comportement des mères. *Archives Françaises de Pédiatrie*, Paris, 39: 851-6, 1982.
- SULLEROT, E. e SALTIEL, M. *Les crèches et les équipements d'accueil pour la petite enfance*. Paris, Hachette, Littérature, 1974.

# EDUCAÇÃO e SELEÇÃO

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

JAN-JUN - 1984 nº 9

<i>Apresentação</i> .....	2
<b>Semente, solo e clima: o que é uma safra mínima e como avaliá-la</b> .....	3
— Adolpho Ribeiro Netto	
<b>Natureza das medidas educacionais</b> .....	7
— Heraldo Marelím Vianna	
<b>Avaliação da aprendizagem: a prática da avaliação decorrente dos principais modelos de ensino</b> .....	17
— Maria do Socorro Taurino Brito	
<b>O que vale em avaliação</b> .....	27
— Hermengarda Lüdke	
<b>A pré-opção múltipla no vestibular da Universidade de Brasília</b> .....	37
— Lauro Morhy — Alda Baltar — Eldon Londe Mello — Enilde L. de J. Faulstich — Enio de Magalhães — Lauro Amélio Patzlaff	
<b>Medida da atitude em relação à disciplina de Laboratório de Física Geral</b> ....	65
— Fernando Lang da Silveira — João Carlos Gasparin	
<b>Questionário de Avaliação de Docência (QAD)</b> .....	71
— Luiz Pasquali	